

A MÁGICA DAS LINGUAGENS

FRAHM, Cibele Louise Pruner¹

Palavras e imagens. Primeiramente, é injusto usar apenas as palavras para ponderar sobre ambas. Não menosprezando as palavras, mas a simples escolha equivocada de somente uma destas pode resultar em uma interpretação bastante diferente do pretendido.

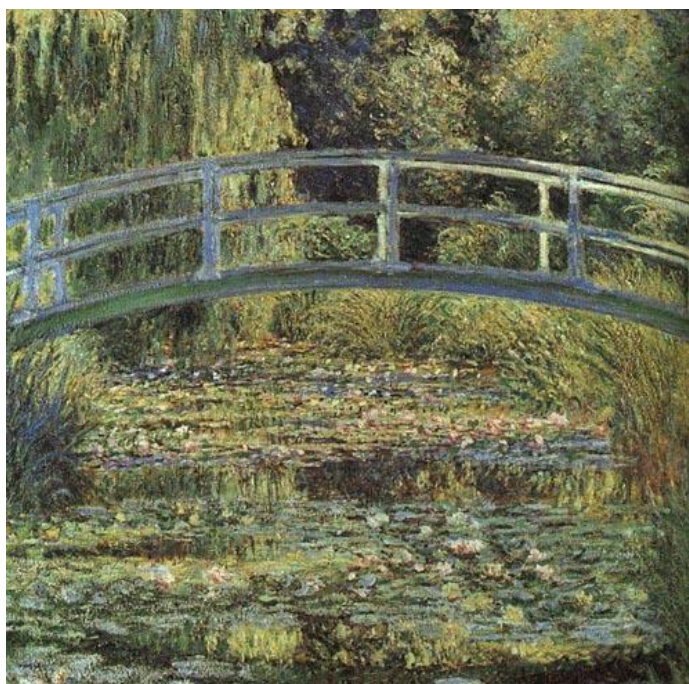
Um velho clichê ainda percorre entre nós exaltando as imagens em frente às palavras. Mas será que a coisa é tão polarizada assim, é tão preto no branco? “É isto ou aquilo, isto é melhor do que aquilo”. Como tudo na vida, uma discussão entre palavras e imagens é e sempre será relativa. Um pode dizer que a descrição de um local através de palavras nunca fará jus à beleza que somente a imagem pode oferecer, outro dirá que uma imagem nunca será capaz de dar a liberdade ao leitor de vê-la de maneiras diferentes que não a visão pelo autor exposta. E ambos estarão certos em suas colocações.

No filme que serviu de mote para esta produção textual, “Palavras e imagens” (2013), a personagem Dina Delsanto afirma que “as palavras são mentiras, as palavras são armadilhas”, ao passo que Jack Marcus revida dizendo que as palavras são a verdade, o poder. E, afinal, qual deles tem razão? Os dois. Porque as palavras, assim como as imagens, podem ser fontes de verdade e poder, mas também de mentiras e armadilhas. Ambas são criadas por humanos visando algum propósito, seja este bom ou ruim. Deste jeito, ambas estarão sujeitas a falhas de interpretação, pois, visando a apreciação por outro humano, sempre há a distância entre o que o emissor pretende e o que o receptor compreende, justamente pela diferença de bagagem visual e literária que pode haver entre estas duas partes.

Cada tipo de linguagem encontrará o seu momento mais apropriado, o qual deve ser aproveitado para explorar as mais diferentes possibilidades que as linguagens podem trazer ao processo de comunicação e à expressão da alma humana através da arte. Como foi afirmado no filme anteriormente citado, “cada artista faz o mundo para si próprio e ao fazer isso o levanta. E fazendo isso nos

¹ Acadêmica do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, graduada no ano de 2011 tecnóloga em Fotografia pela Universidade do Vale do Itajaí.

ergue, nos dá uma visão mais ampla”. Proust disse que só através da arte podemos sair de nós mesmos e conhecer outras visões do universo. E é só através da magia das diferentes linguagens que podemos buscar conhecer estes diferentes universos que ele menciona, o universo de cada um.



MONET, Claude Oscar. **Le Bassin aux nymphéas, harmonie verte**. 1899.

Óleo sobre canvas. 88,3 cm x 93,1cm.



VAN GOGH, Vincent Willem. **Die Sternennacht**. 1889.

Óleo sobre canvas. 73 cm x 92 cm.

Como alguém poderia expressar com palavras o mesmo que um Monet ou um Van Gogh expressam através dessas imagens? Com seu jogo de cores, luzes, sombras e pinceladas, nos casos em questão, sejam elas representações de algo real no mundo ou não.

Da mesma forma, como poderia ser reproduzida adequadamente em imagens uma construção escrita como a seguinte?

E o mundo acabou. Inexplicavelmente, ou sem uma explicação que possa ser dita e entendida. O mundo acabou, como num instante em que se fechassem os olhos e não se visse sequer o que se vê com os olhos fechados. As crianças morreram, os risos das crianças, espalhados no sol e nos sábados e em agosto, morreram. O mundo acabou como uma noite lançada do céu, e nunca mais se ouviram os risos das crianças, nunca mais foi sábado, nunca mais foi agosto, nunca mais houve sol. É isso que era a ausência do mundo não era nem mesmo uma ausência, não era sequer como o espaço vago onde uma pessoa que morreu costumava estar e se olha e existe quando se sente; não era nem mesmo uma ausência, porque não havia ninguém para a sentir. Era uma noite infinita que acumulava todo o medo de todas as noites desde a primeira noite do mundo. Mas também o medo não existia, porque não existia ninguém para o sentir. (PEIXOTO, José Luís. Nenhum olhar. p. 190)

O autor continua a discorrer sobre este fim de mundo vazio, em uma construção tão perfeita que só poderia ser realizada através de palavras. O ponto é justamente este: não há uma linguagem melhor ou pior do que a outra, existe somente a linguagem mais adequada para o que se pretende, para o que se quer expressar. Assim como há a linguagem textual, há também a imagética, a musical, entre tantas outras. E todas essas serão adequadas quando você quiser se expressar, todas são válidas e devem ser aproveitadas em suas diferentes construções e intenções.